

RESUMOS

PRIMAR PELA EXCELÊNCIA. OBSERVAÇÕES AO INCENTIVO E CONTROLO DE PRESERVAÇÃO

Este artigo analisa os princípios subjacentes à conservação do património em áreas urbanas, tomando a cidade de Sydney como exemplo e comparando-a com aspectos de controlo de preservação no Centro Histórico de Macau. A conservação efectiva do património inclui tanto controlo quanto incentivos, e é baseada numa compreensão abrangente do significado do local e dos seus componentes (incluindo aspectos individuais e áreas de conservação), mapeamento preciso do local e da sua configuração, englobando visões significativas e integração com outros planeamentos e impactos ambientais. Fundamental para o processo é uma abordagem passo a passo, que avalia valores independentemente de outras considerações e, no caso de desenvolvimento, uma avaliação completa do impacto no património tendo em consideração todos os trabalhos propostos para o local.

[Autor: Peter Phillips, pp. 6-13]

A IMPORTÂNCIA DA MALHA URBANA HISTÓRICA: PORQUE É QUE A "TEXTURA MIÚDA" PRECISA DE POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO

A autenticidade do património construído é o resumo de todas as características que permitem que uma malha arquitectónica apresente e represente o seu contexto e período (espaço e tempo). A materialidade do actual património só tem valor porque transporta autenticidade. Actualmente estamos a lidar com o assunto de diferentes perspectivas e é um sinal positivo ver o assunto a chegar a debate público. Demonstra a emancipação social de todas as partes interessadas.

Não se deve priorizar o enriquecimento dos proprietários, nomeadamente no centro histórico. Isso não é sustentável e é incompatível com o compromisso assumido com a UNESCO em tornar-se património mundial. Se não se criar uma metodologia sistemática para evitar esta pressão contínua

em todo o centro histórico, vamos continuar a ver muita coisa desaparecer. As fachadas da cidade velha são a nossa estrutura de identidade colectiva enquanto cidade e os seus espaços públicos: elas pertencem tanto ao colectivo como ao proprietário.

É inquestionável que o planeamento e arquitectura dos nossos dias têm de operar seguindo os padrões da cidade histórica, relacionar-se com ela e continuar a produzir valor com equivalente proporção colectiva humana e de significado. Quando não avaliamos a conservação do tecido histórico, arriscamo-nos a substituir um código arquitectónico altamente qualificado e carregado de autenticidade e dimensão social, com um enredo genérico sem significado.

[Autor: Rui Leão, pp. 14-21]

O FUTURO DA CIDADE OU A CIDADE DO FUTURO - A CULTURA COMO FACILITADORA DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - O CASO DE MACAU

No mundo em constante mudança, onde os índices seguem a Lei de Moore, determinando que o número de transistores num *chip*, gerenciador de dados, dobre a cada dois anos, a revolução digital será um factor-chave no redesenho das cidades. Com estilos e padrões de vida que respondem a novos modelos de urbanização, a necessidade de considerar valores e atitudes geoculturais é essencial. Os textos actuais para a gestão de assentamentos humanos incluem agora, entre outros, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, a Nova Agenda Urbana e a Recomendação sobre a Paisagem Urbana Histórica. A aplicação destes conceitos para enfrentar os desafios da mobilidade, inclusão, resiliência e segurança é necessária em Macau, inserida na Lista do Património Mundial e na gestão das pressões de desenvolvimento do turismo global e de uma extensa metrópole do Rio das Pérolas. Novas tecnologias, realidades virtuais, inteligência artificial mudarão as nossas cidades, para melhor e pior.

[Autor: Michael Turner, pp. 22-29]

IMPÉRIO FLORIDO DO MEIO - JOÃO DE BARROS E A SUA VISÃO QUINHENTISTA DA CHINA

João de Barros, humanista e orientalista, cronista coevo da expansão portuguesa no século XVI, fala-nos da China desse tempo de encontro com novos mundos, especialmente na Terceira das suas *Décadas da Ásia*. Este País do Oriente extremo é tratado com enlevo, manifestando grande admiração por essas distantes terras e gentes, o que o conduziu a baptizar a China como Império Florido do Meio.

João de Barros foi nos idos de quinhentos o primeiro português a escrever e a ver editar na Europa, uma obra com imagens da China, tendo para isso recorrido a várias fontes, nomeadamente a documentação que lhe foi trazida directamente do país e a relatos de navegantes, missionários, comerciantes e outros aventureiros lusos que frequentaram o Oriente, como Fernão Peres de Andrade. E, por certo, Barros também trocou impressões ou conheceu os relatos de Fernão Mendes Pinto.

João de Barros tem um estilo muito pessoal, burilando a escrita de forma simultaneamente erudita e elegante, apesar do uso de longos períodos, tendo-se revelado um notável artista da língua portuguesa. Compara a China com a Europa, em vários aspectos, indicando semelhanças e diferenças resultantes dessa visão contrastiva.

Mas antes de serem referidas as imagens da China Ming construídas por Barros na sua *Terceira Década da Ásia*, apresenta-se uma breve nota biográfica de João de Barros e faz-se um incursão pela sua vasta e diversificada obra, que vai do romance de cavalaria à História, passando pela moral, doutrina e ensino da língua e gramática portuguesas.

[Autores: Jorge Baptista Bruxo; Maria de Lurdes N. Escalera, pp. 30-63]

ANIQUILAÇÃO ANUNCIADA: A BOMBA NUCLEAR "TRINITY" E O DESTINO DA CIDADE GÉMEA DE MACAU

Nagasaki, a cidade irmã de Macau, era o centro da fé católica romana Japonesa e possuía a maior igreja católica romana na

RESUMOS

Ásia. Um dos santos mais venerados da Igreja, São Francisco Xavier, fundou a comunidade, enquanto os jesuítas a governaram de 1580 até às brutais repressões iniciadas em 1614. A relação de Nagasaki com Macau existe reforçada até aos dias de hoje através das Ruínas de São Paulo, na realidade a ruína da “Igreja da Madre de Deus” (Igreja Mater Dei), para a qual os católicos japoneses contribuíram extensivamente de 1602 a 1640. Em Macau permanecem também vestígios de católicos japoneses martirizados na repressão de Tokugawa.

No verão de 1945, a Guerra do Pacífico colocou o Japão de joelhos com a destruição das suas frotas naval e aérea. Apesar dos esforços defensivos de japoneses suicidas, os militares dos EUA capturaram Okinawa, uma base próxima do Japão com o intuito de atacar as ilhas japonesas. Cinquenta e oito das sessenta maiores cidades Japonesas já estavam destruídas por bombardeios. O Japão considerava a rendição através de pelo menos três caminhos, incluindo o Vaticano. A bomba de plutónio lançada sobre Nagasaki em 9 de agosto de 1945 introduziu uma tecnologia nova e mais poderosa do que a bomba de Hiroshima. O Plutónio tornou-se a base para a corrida ao armamento nuclear que se seguiu. Projectada para arrasar as intenções das elites japonesas em continuar a guerra e provavelmente eliminar instituições que teriam contribuído para a ascensão dos movimentos de centro-direita dos anos 1920-30, a bomba foi lançada sobre a indefesa Comunidade Católica Urakami a norte do porto de Nagasaki, matando cerca de 140.000 pessoas. Este artigo explora a natureza obscura do bombardeio.

[Autor: Paul B. Spooner, pp. 64-109]

SER CATÓLICO NA MACAU CONTEMPORÂNEA

Este artigo é uma resenha da mais recente monografia de Hon-Fai Chen intitulada *Catholics and Everyday Life in Macau: Changing Meanings of Religiosity, Morality, and Civility*, que apresenta uma investigação sociológica aprofundada da identidade eclesial da Igreja Católica Romana, o seu envolvimento com o Estado e a sociedade, e o crescente testemunho profético entre os leigos. Focado no imaginário popular da cidadania, Chen baseia-se em dados

qualitativos para mostrar que debatendo-se com intensos conflitos psicológicos sem abandonar a fé, os católicos locais desejam conciliar o humanismo secular com os ensinamentos sociais católicos contemporâneos. Sem seguirem cegamente as doutrinas e instruções conservadoras da Igreja institucional, aderem ao catolicismo como uma fé pessoal e servem-se da liberdade ordenada por Deus para exercer o arbítrio pessoal numa sociedade cada vez mais materialista.

[Autor: Joseph Tse-Hei Lee, pp. 110-112]

ENSAIO INICIAL: O REVERSO DO CÂNONE: PADRÕES DE DILETANTISMO ARTÍSTICO E DE EXCLUSIVIDADE SOCIAL

Este novo texto continua a explorar a possibilidade de um método comparativo crítico, aplicável à filosofia/história das ideias ocidentais e chinesas. Partindo das reflexões de Max Weber sobre o desenvolvimento dos instrumentos musicais e sua relação com o avanço do que chama de “racionalidade” no Ocidente, considera o caso da cítara chinesa. Além disso, refere-se aos conceitos elaborados por Theodor Adorno para explicar sua visão da música na sociedade europeia da primeira metade do século XX, tentando compreender as peculiaridades da prática e apreciação musical entre os *literati* chineses.

Nesse sentido, as diferenças de contexto histórico e social, de valores culturais e de visões de mundo oferecem intuições sobre a música não-Ritual chinesa, isto é, a música diferente daquela praticada no cerimonial “público” chinês. Enquanto passatempo convivial, os literatos-burocratas cultivam a música sob a dupla condição de amadores e de *connaisseurs*, o que não apenas deixa claras as peculiaridades da produção e reprodução do gosto artístico na China antiga, mas também as dificuldades de se criar vogas e tendências análogas às dos estilos de época europeus.

[Autor: Giorgio Sinedino, pp. 113-120]

A ESTÉTICA DA CÍTARA CHINESA: UMA TRADUÇÃO COMENTADA DE “SOBRE A CÍTARA QIN”, DE JI KANG (223-263)

O novo texto da série “Dimensões do Cânone” volta a tratar de um tema musical, apresentando aos leitores em língua portuguesa mais uma obra do *literatus* chinês Ji Kang (223-263), o “Qin Fu” – ou “Sobre a Cítara Qin”. Esse poema reveste-se de importância fundamental, em dois sentidos. Em primeiro lugar, é um exemplo primoroso de éctrase (poema descritivo de um objecto de arte) que utiliza plenamente o potencial da forma poética “Fu”. Além disso, com cerca de 2000 caracteres, o “Qin Fu” é o primeiro tratamento detido da cítara Qin, que pode ser considerada o instrumento musical por excelência do intelectual chinês, oferecendo-nos pistas sobre sua ideologia e padrão de convivência.

“Sobre a cítara Qin” serve de introdução ao tema, pois relata a origem lendária do instrumento, seu processo de feitura, suas características sonoras, seu repertório mais famoso, sua relação com a poesia/canto e seu papel no “convívio elegante” dos intelectuais. Além disso, a éctrase de Ji Kang consegue ultrapassar as limitações do meio poético, realizando uma exposição filosófica/estética do instrumento. Como não poderia deixar de ser, o poema serve de veículo para os ideais estéticos e de vida pessoais de Ji, aludindo ao pensamento taoísta clássico de Laozi e Zhuangzi e refletindo a voga literária do “Estudo do Mistério”. Tal abordagem não implica em distorção, contudo, uma vez a cítara chinesa esteja indissolúvelmente ligada a esse contexto cultural.

[Autor: Giorgio Sinedino, pp. 121-144]